

FATOS E NOTAS

A ARQUEOLOGIA E A BÍBLIA.

Desde a época das escavações sistemáticas levadas a efeito por Heinrich Schliemann, o pai da Arqueologia, em Tróia no século passado, se passaram muitos anos até aproveitar-se a pesquisa do solo descrito pela Bíblia. Foi mesmo possível a Wellhausen, na sua História Crítica dos Tempos Bíblicos, estabelecer teorias absurdas, que foram frontalmente anuladas pelas descobertas do início do nosso século.

Com todos os meios modernos pratica-se hoje a Arqueologia, até com o avião — coisa que poderia parecer absurda — pois êle nos permite observar a terra do alto, sendo possível distinguir, assim, os outeiros naturais do Tell, pequenas colinas de forma regular que são nada mais nada menos que velhos aglomerados humanos abandonados no decurso da história e completamente desfeitos devido o material empregado — a argila, ou então destruído por incêndios e cobertos de areia pelo vento do deserto.

Modernamente aplicam-se testes de radioatividade (o teste do carbono 14), pois sabe-se que todo material orgânico emana essa radioatividade e isso serve para datá-lo. Os indícios mais importantes são o material e o estilo dos utensílios, ferramentas e, especialmente, os vasos de terracota, louça, etc. Também a arte de escrever, os tipos e estilos das inscrições e dos documentos, elucidam a época e o meio ambiente da civilização que representam.

Foi, por isso, que no primeiro quartel do nosso século se fizeram dois descobrimentos interessantes e, em certo sentido, complementares. Nos tempos pré-bíblicos toda a faixa de terra que vai do delta do Nilo praticamente até a Anatólia, foi território colonizado e dominado pelos egípcios, como o demonstram os ricos e diversificados achados de objetos de terracota. Houve um intercâmbio fecundo entre o Egito e a Fenícia, sendo os habitantes d'êste último país os comerciantes internacionais da antigüidade pré-bíblica e contemporânea da Bíblia. Ora, Sir Flinders Petrie encontrou no deserto do Sinai inscrições na rocha nua que não eram mais do tipo cuneiforme ou hieroglífico, mas sim inscrições à base de letras alfabéticas. Quase simultaneamente, achavam-se em Biblos-Ras-Shamra, no solo fenício, textos escritos em letras, com nomes que também

se acham na Bíblia. Ora, é quase certo que comerciantes fenícios são os responsáveis pela transformação do difícil sistema antigo de escrever, até então em uso, no alfabeto de letras. Não há certeza se o sistema alfabético do Sinai é mais antigo que o de Ugarit (Biblos), mas aqui é que o sistema se propagou, pois os alfabetos gregos e seus derivados são os velhos termos alfabéticos do arameu, língua semítica internacional, usada também pelos fenícios (**alef, alfa, beta...**).

Um dos mais antigos dos recentes achados é o de Tell El Amarna realizado por Hugo Winckler no início do século. No delta do Nilo, nesse local, nos tempos pré-bíblicos houve uma colônia militar egípcia com uma biblioteca de cuneiformes. Nela se encontraram pedidos urgentes de socorro emanados dos governadores egípcios da Palestina, contra a invasão dos **habiru** — tribos que vinham de além Jordão. Não resta dúvida que no bôjo dessas invasões veio um grupo, o dos **ivrim**, apesar de se identificarem outros grupos com êste termo **habiru**, que é etimologicamente idêntico a **ivri** (hebreu).

A Mesopotâmia, a terra entre os dois rios, nos legou para o nosso conhecimento bíblico, entre muitos outros, dois achados básicos: 1.º a estela (com inscrições cuneiformes) com o código de Hamurabi, rei que viveu dois séculos antes de Moisés. Comparando-se a legislação do Pentatêuco e a de Hamurabi verifica-se claramente que a Bíblia é muito mais humana e humanizada. Por exemplo, enquanto no código de Hamurabi quem roubar é punido com a morte, a Bíblia estipula a restituição e a indenização percentual, ou absolve quem roubou para satisfazer a fome (Mundraub). 2.º o achado de Sir Wooley: Ur a pátria de Abrão. Ur do III milênio antes da era cristã, que tinha uma grande civilização perfeitamente comprovada por Sir Leonard Wooley por objetos de arte (cálices, anéis, colares, etc.) — de tal maneira que podemos afirmar que a migração de Abrão foi uma aventura, saindo êle dum país civilizado para o deserto — sem dúvida no intuito de, abandonando um alto padrão de civilização, alcançar um ideal.

No início do nosso século — no III decênio — foi encontrada uma fortaleza do reino bíblico de Judá, na cidade de Lachisch, ao sul de Jerusalém em direção ao mar — onde atualmente Ben Gurion desenvolveu o seu famoso projeto de colonização estratégica. Naquela colônia militar, que data da época do profeta Jeremias, foram encontrados nomes e arquivos onde são mencionados feitos das personalidades conhe-

cidas nos livros bíblicos de Jeremias — esplêndida confirmação da verdade do relato da Bíblia. Quem explorou êsses achados foi o meu querido mestre Torczyner — afora Tur-Sinai, Presidente da Academia Hebraica de Jerusalém.

Sem entrarmos nos detalhes da dramática história de como se fizeram os achados do Mar Morto há 15 anos atrás — e por cuja causa a ONU adiou por um dia ou mais a partilha da Palestina no Estado de Israel e no território transjordânico — mencionemos que êsses famosos Rolos nos permitem chegar às seguintes conclusões:

a). — recuar pela primeira vez com documentos bíblicos até o I século antes de Jesus, isto é, dilatar o nosso conhecimento documental por um milênio;

b). — observar através do estudo dos Rolos de Isaías e Habacuc, que a tradição do texto bíblico é muitíssimo fiel, praticamente nada foi alterado;

c). — encontrar bastante literatura esotérica entre os dois testamentos (após o Velho Testamento e antes do Nôvo Testamento);

d). — encontrar o ambiente de asquese ante o perigo romano e fundação de irmandades com traços característicos de mosteiros (vide o **Livro de Disciplina** entre os Rolos);

O que não foi possível, e seria exagêro afirmar, é dizer-se que foi encontrada a célula mater (**Urgemeinde**) do Cristianismo. Sòmente podemos ter uma idéia àcerca do ambiente e do ânimo que reinavam nos tempos da opressão romana.

Quando recentemente nos encontramos com Nelson Glueck, o famoso arqueólogo bíblico do **Hebrew Union College** de Cincinnati, por ocasião duma Convenção em Londres em meados de 1961, tivemos oportunidade de ouvi-lo numa conferência erudita sôbre o seu tema predileto: o Neguev (a Palestina Meridional). Seus descobrimentos ratificaram por completo os relatos bíblicos àcerca das migrações sul-norte e norte-sul que passaram por aquela região em tempos pré-históricos e históricos, e que o Neguev foi uma região bastante fértil com a irrigação do solo por meio de sistemas de cisternas e as plantações feitas em terraço. A Bíblia indica a velha e ainda hoje observada estratégia defensiva (caminhos, estradas antigas, oasis, etc.) e essa situação se esclarece ainda mais com a tese de Gluek de que, quem possui o Neguev, tem o domínio estratégico do país. Êsse quadro pode ser enriquecido por descobrimentos dos mais vairados, como a indicação de rios e **wadis** como possibilidades

de irrigação do solo, ou fornos naturais aproveitados por Salomão em Timna, servindo para a refinação do cobre.

Enquanto os achados de Glueck são de valor estratégico e servem de linhas mestras para a colonização do Neguev, em 1963 foi feito um achado que não tendo importância direta sobre a vida moderna, nos trás conhecimentos concretos sobre a época do último levante nacional contra os romanos: o de Bar-Cochba, no início do II século da nossa era. Acharam-se escondidos em cestas numa gruta 64 documentos (ordens militares e religiosas do exército de Bar-Cochba e sua assinatura) lançando luzes sobre uma época heróica para qual faltava até recentemente documentação original.

Muitos outros descobrimentos de importância podiam ser relatados. Como cada país tem um **hobby** nacional, em Israel a arqueologia tornou-se verdadeira mania. Assim — apesar de feito muitas vezes por leigos — a Arqueologia poderá alcançar grandes resultados e um exemplo disso temos no encontro dos Rolos do Mar Morto por um simples beduíno. A pesquisa sistemática do solo poderá nos trazer ainda muito conhecimento novo e é interessante observar-se como se vive em Israel no meio de especialistas nesse trabalho. Yigal Yadin, antigo chefe do estado-maior do exército é um famoso arqueólogo e foi ele quem fez os achados de Bar-Cochba em grutas nos cumes dos montes de Judá e também conseguiu os Rolos do Mar Morto para a Universidade Hebraica. E' de se esperar que o solo, rico em documentos históricos, ainda forneça bastantes dados para a elucidação da história bíblica e sirva também para orientar a colonização nos tempos atuais.

FRITZ PINKUSS

Professor de Língua e Literatura Hebraica da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.